

Artigo de Reflexão/Ensaio

Atividades socioculturais complexas e o protagonismo das pessoas idosas na perspectiva da terapia ocupacional: uma proposta metodológica

Complex sociocultural activities and older adults' protagonism from an occupational therapy perspective: a methodological proposal

Claudia Reinoso Araujo de Carvalho^a 

^aUniversidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Como citar: Carvalho, C. R. A. (2026). Atividades socioculturais complexas e o protagonismo das pessoas idosas na perspectiva da terapia ocupacional: uma proposta metodológica. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 34, e4115. <https://doi.org/10.1590/2526-8910.cto417341151>

Resumo

Este ensaio apresenta as “atividades socioculturais complexas” como metodologia de intervenção no campo da terapia ocupacional na cultura, orientada ao fortalecimento do protagonismo das pessoas idosas. A proposta organiza-se em um processo sistematizado, composto por etapas interdependentes: a) planejamento participativo; b) registro e documentação dos percursos criativos e c) culminância em eventos abertos à comunidade. A metodologia difere das oficinas tradicionais por priorizar engajamento continuado, construção de vínculos, circulação nos territórios e reconhecimento das pessoas idosas como produtoras de cultura. Ao compreender a cultura como direito e oportunidade de participação social, essa abordagem desloca a terapia ocupacional de uma lógica centrada no binômio saúde-doença para uma lógica sociocultural e comunitária, na qual equipamentos culturais se tornam espaços legítimos de cuidado, criação e cidadania. As experiências analisadas, desenvolvidas em um projeto de extensão universitária, incluíram desfiles de moda, teatro, fotonovela e eventos culturais intergeracionais, com participação ativa das pessoas idosas em todas as etapas. Os resultados indicam que a efetividade da metodologia, entendida como capacidade de promover agência cultural, ampliar pertencimento, fortalecer autoestima e ressignificar trajetórias de vida, depende da integralidade do processo, caracterizada pela coerência ética, estética, política e pedagógica entre todas as etapas, bem como pela corresponsabilidade e participação ativa das pessoas envolvidas. Conclui-se que as atividades socioculturais complexas configuram uma metodologia reprodutível em diferentes contextos, contribuindo para práticas inovadoras e transformadoras no campo da terapia ocupacional na cultura e do envelhecimento.

Palavras-chave: Terapia Ocupacional, Arte, Atividades Humanas, Envelhecimento, Participação Social.

Recebido em Maio 15, 2025; 1ª Revisão em Set. 29, 2025; 2ª Revisão em Nov. 18, 2025; Aceito em Nov. 26, 2025.



Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>), que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

Abstract

This essay presents “complex sociocultural activities” as an intervention methodology in the field of occupational therapy in culture, oriented toward strengthening older adults’ protagonism. The proposal is organized as a systematized process composed of interdependent stages: (a) participatory planning; (b) recording and documenting creative pathways; and (c) culminating in community-open events. This methodology differs from traditional workshops by prioritizing events engagement, relationship building, circulation across territories, and recognition of older adults as cultural producers. By understanding culture as a right and an opportunity for social participation, this approach shifts occupational therapy from a logic centered on the health–disease binary to a sociocultural and community-based logic in which cultural devices become legitimate spaces for care, creation, and citizenship. The experiences analyzed, developed within a university outreach project, included fashion shows, theater, photonovels, and intergenerational cultural events, with older adults actively participating in all stages. The results indicate that the effectiveness of the methodology, understood as the capacity to promote cultural agency, expand belonging, strengthen self-esteem, and reframe life trajectories, depends on the integrality of the process. This integrality is characterized by ethical, aesthetic, political, and pedagogical coherence across all stages, as well as by shared responsibility and the active participation of those involved. The essay concludes that complex sociocultural activities constitute a reproducible methodology across different contexts, contributing to innovative and transformative practices in the field of occupational therapy in culture and aging.

Keywords: Occupational Therapy, Art, Human Activities, Aging, Social Participation.

Introdução

Este ensaio tem o objetivo de apresentar e discutir uma nova metodologia, baseada nas atividades artísticas e culturais em terapia ocupacional, que busca desenvolver uma práxis político-pedagógica emancipatória direcionada à promoção da autonomia. A proposta está ancorada na ideia de que a formação da consciência crítica e da cidadania participativa constitui base importante para enfrentar todas as formas de discriminação e violência contra as pessoas idosas. Parte-se do pressuposto de que o engajamento em atividades artísticas e culturais pode promover transformações nas vidas das pessoas idosas, sendo também meio para desenvolver cidadania e envolvimento comunitário.

Este ensaio defende as aqui chamadas “atividades socioculturais complexas” como uma nova metodologia para a condução das atividades no campo da terapia ocupacional na cultura. Entende-se que a terapia ocupacional na cultura se configura como um campo de prática próprio, distinto dos demais campos de atuação da profissão. Nessa perspectiva, as “atividades socioculturais complexas” foram concebidas como intervenções coletivas e comunitárias, voltadas à criação de espaços de expressão, encontro e transformação social, situando-se fora do binômio saúde-doença, que historicamente orientou boa parte da prática profissional. Essa nova metodologia, aqui proposta, foi pensada para ocorrer em centros de artes, casas de convivência, centros culturais ou espaços comunitários, privilegiando o protagonismo das pessoas idosas em grupos e coletivos. Importa salientar que essa proposta não se destina a cenários clínicos, mas visa a construção de territórios culturais compartilhados, nos quais a dimensão simbólica e política da participação é central.

As “atividades socioculturais complexas” são intervenções coletivas e comunitárias planejadas de forma processual e participativa, envolvendo as seguintes etapas: a) planejamento participativo; b) registro e documentação dos percursos criativos e c) culminância em eventos abertos à comunidade. Essas atividades têm como eixo central o protagonismo das pessoas idosas, a construção de vínculos e o fortalecimento do sentido de comunidade, visando à ampliação da participação social, à produção de significados e à transformação das trajetórias de vida. Diferenciam-se das oficinas tradicionais por exigirem tempo, continuidade e corresponsabilidade dos participantes em todas as etapas do processo.

Silvestrini et al. (2019) apontam que a cultura é entendida como um elemento fundamental na construção das práticas em terapia ocupacional, pois permite compreender as atividades humanas em seus contextos históricos e sociais. Ao integrar as atividades culturais no processo terapêutico ocupacional, promove-se o empoderamento dos sujeitos em suas comunidades.

As atividades artísticas e culturais no campo da terapia ocupacional não se esgotam em suas dimensões estéticas, expandem-se como práticas políticas, éticas e sociais que tensionam e recriam modos de ocupar o mundo e constituem um campo fértil para a expressão simbólica, favorecendo processos de criação (Lima, 2006). Tais atividades representam um gesto revolucionário, já que, por meio delas, é possível criar diferentes maneiras de comunicar e expressar e estimular reflexões críticas e sensíveis acerca de situações do dia a dia. Dessa forma, o campo artístico e o terapêutico acabam por se aproximar. A arte amplia a singularidade e valoriza o que é intangível, promovendo conexões entre as pessoas (Rizzi Costa et al., 2025)

Lavacca & Silva (2023) refletem sobre a terapia ocupacional no campo da cultura a partir de três dimensões: os aspectos culturais das atividades humanas dentro da terapia ocupacional; a influência da cultura nos processos históricos e constitutivos da profissão, com ênfase no protagonismo das artes; e a cultura como um campo de atuação do terapeuta ocupacional, considerando as políticas culturais e o entendimento da cultura como direito. Nessa perspectiva, a cultura assume diversas formas na terapia ocupacional, estando presente desde a construção histórica da profissão, contribuindo para a compreensão das atividades humanas, até a criação de um campo próprio de prática.

Dentro da proposta aqui apresentada, das “atividades socioculturais complexas” como nova metodologia de intervenção no campo da terapia ocupacional na cultura, pensar arte, cultura e terapia ocupacional no envelhecimento implica distanciamento da concepção tradicional de oficinas e grupos de atividades que possuem início, meio e fim no mesmo dia. Esse formato, muitas vezes, não se mostra suficiente para gerar engajamento real e, não raramente, resulta em iniciativas que produzem poucas transformações e significados na vida das pessoas idosas, com impacto limitado na participação social. Isso ocorre porque, na maioria das vezes, há repetição das propostas, estruturadas na lógica da mera oferta de atividades, que nem sempre são construídas de forma compartilhada e, em vez de promover autonomia e participação – objetivos centrais desse tipo de intervenção –, podem não produzir os resultados esperados. Na proposta das “atividades socioculturais complexas”, as pessoas idosas participam de todas as etapas. De acordo com Ferreira (2016) e Dutra & Carvalho (2021), o processo de envelhecimento, quando atravessado por fatores que desvalorizam as potencialidades do indivíduo, pode levar à redução significativa da qualidade de vida e da participação social das pessoas idosas, resultando em isolamento.

Contrapondo-se à ideia anterior, quando reconhecida e respeitada, a população idosa, guardiã e construtora da memória, exerce papel significativo na vida cultural de suas comunidades. São, por exemplo, os sábios e mestres dos saberes tradicionais e das artes, que repassam seus ofícios a crianças, jovens e adultos, sendo fundamentais para o futuro das comunidades ao seu redor e de toda a sociedade. A transmissão desses conhecimentos e experiências às novas gerações, com o objetivo de preservar a memória e as identidades culturais, é direito garantido pelo Estatuto do Idoso (Brasil, 2003). Além disso, a participação na vida cultural é estratégia para fortalecer o envolvimento na comunidade e a inclusão social.

Defende-se neste ensaio que as atividades que demandam continuidade e não se esgotam em um único encontro tendem a potencializar o envolvimento dos participantes, pois favorecem a construção de vínculos, a sedimentação de aprendizagens e a abertura para novos diálogos. Ao se desenvolverem ao longo do tempo, essas propostas permitem amadurecimento coletivo em torno de um fazer compartilhado, estimulando o engajamento progressivo e criando espaços mais férteis para a troca de experiências e saberes. Ressalta-se que as singularidades das pessoas idosas e a heterogeneidade do envelhecimento, que incluem diferentes ritmos, contextos, histórias de vida, condições funcionais, entre outros aspectos, são consideradas na construção e realização da proposta. Esse processo contínuo contribui para aprofundar as reflexões, ampliar repertórios e fortalecer o sentimento de pertencimento ao grupo – aspectos essenciais para práticas que visam à construção de processos colaborativos e transformadores. Tais atividades são denominadas “atividades socioculturais complexas”.

A proposta deste estudo é apresentar as denominadas pela autora “atividades socioculturais complexas” como processo efetivo para gerar engajamento e participação das pessoas idosas, em especial nas classes populares, na vida cultural de suas cidades, bairros ou localidades. O estudo busca estabelecer uma reflexão teórica em torno da experiência em um projeto de extensão no qual foi aplicada essa nova metodologia como novo método fundamentado no campo da terapia ocupacional na cultura.

Os caminhos para a compreensão das “atividades socioculturais complexas” como metodologia para ação em terapia ocupacional

Recorre-se à experiência com as atividades extensionistas para caracterizar os atributos que conferem às aqui chamadas “atividades socioculturais complexas” maior potencial de interesse, significado e engajamento para as pessoas idosas. A proposta está estreitamente relacionada ao projeto de pesquisa e extensão intitulado “Participação Sociocultural da População Idosa” aprovado pelo Comitê de Ética do Hospital Universitário Clementino Fraga Filho da Universidade Federal do Rio de Janeiro sob parecer n.º 3.121.146, de 24 de janeiro de 2019.

O projeto de extensão tem parceria com a Secretaria de Cultura e acontece no Centro de Artes Calouste Gulbenkian, na cidade do Rio de Janeiro. Seus principais objetivos são fomentar a participação das pessoas idosas em atividades culturais e promover a aproximação intergeracional por meio do vínculo estabelecido entre os estudantes extensionistas e os frequentadores do Centro de Artes, de todas as idades. O projeto é realizado com um coletivo com 27 pessoas idosas, quase todas mulheres, com idades entre 70 e 92 anos, quase todas com capacidade funcional preservada. Três delas apresentam comprometimento cognitivo ou de locomoção.

As chamadas “atividades socioculturais complexas” foram aqui apresentadas como um novo método e foram analisadas e discutidas em relação a cada elemento que as constituem, ou seja, seus atributos, à saber: planejamento sequencial, documentação de etapas e culminância em evento aberto à comunidade. Cada um desses atributos foi discutido no presente estudo com base na experiência com o projeto de extensão.

Para que o terapeuta ocupacional opere efetivamente com as ferramentas do campo cultural (1- uso das linguagens artísticas como estratégia para promover participação social; 2- produção de espaços de encontro e criação; 3- articulação com políticas culturais para garantir acesso e protagonismo dos sujeitos), é preciso investir e deslocar seu campo de atuação para os equipamentos culturais. Somente no interior dos equipamentos culturais, ou nos centros de convivência, é possível vivenciar todas as etapas que envolvem as “atividades socioculturais complexas”. A utilização dessa abordagem em outros cenários de prática pode não produzir resultados equivalentes dada a influência das especificidades culturais, territoriais e institucionais envolvidas. É necessário assumir um novo campo de atuação, um cenário de prática próprio do campo da cultura, fortemente ancorado nas experiências comunitárias.

A inserção da terapia ocupacional no âmbito cultural propõe novas maneiras de entender suas intervenções, estando igualmente vinculada a um compromisso ético-político, que inclui a defesa e a luta pela ampliação dos direitos humanos e da cidadania, pelo respeito à diversidade e pela promoção da participação social (Silvestrini, 2019).

As experiências comunitárias em terapia ocupacional envolvem diretamente comunidades e seus contextos sociais, culturais, econômicos e políticos. São iniciativas voltadas ao fortalecimento de vínculos sociais a partir das necessidades reais das populações. Geralmente, organizam-se em territórios específicos (bairros, periferias, comunidades rurais, quilombolas, indígenas etc.) e têm caráter coletivo, participativo e interdisciplinar. Nessas experiências, são valorizados o saber popular, a escuta ativa, a corresponsabilidade e o protagonismo das pessoas envolvidas, trabalhando com ocupações significativas no cotidiano e nos modos de vida da população. Essas articulações exigem, porém, compromisso ético-político consistente, bem como métodos participativos e práticas situadas que reconheçam os saberes populares e as especificidades territoriais (Farias & Lopes, 2020).

Algumas noções são fundamentais para compreender as experiências comunitárias em terapia ocupacional. O primeiro conceito é o de território, entendido aqui, tal como na perspectiva da terapia ocupacional social, não apenas como espaço físico, mas como espaço vivido, marcado por relações sociais, histórias locais, disputas de poder e formas de organização coletiva. O território é onde se constroem vínculos, resistências e sentidos de pertencimento (Bianchi & Malfitano, 2020).

O conceito de território sugere a combinação de espaço, processo e relação, superando a definição de espaço geográfico físico. Já comunidade traz a noção de coletividade, redes, pertencimento e identidade. A utilização de ambos pressupõe a reflexão sobre os modos de vida e de apropriação dos recursos materiais, sociais e culturais que se estabelecem em um lugar. (p. 625)

Outro elemento fundamental é o vínculo. Mais do que relação técnica ou assistencial, o vínculo é construído na escuta atenta, no reconhecimento dos saberes locais e na presença ética e sensível da terapeuta ocupacional, que deve estar aberta ao encontro com o outro, estabelecendo relações de confiança e responsabilidade (Angeli, 2021).

Nesse contexto, é no bojo dessas ideias que se desenvolvem as aqui chamadas de “atividades socioculturais complexas”, que necessariamente precisam reunir alguns atributos para assim serem consideradas. Elas precisam envolver planejamento participativo, registro e documentação dos percursos criativos e culminância em eventos abertos à comunidade. Todas essas etapas são planejadas e implementadas em conjunto. No caso desse ensaio, as atividades têm o protagonismo das pessoas idosas e envolvem, potencialmente, certa dose de sentido de comunidade e coesão grupal, necessários para a transformação.

Para Costa & Silva (2015), o sentido de comunidade é compreendido como elemento central na reconstrução da vida. Esses autores descrevem esse sentido como percepção compartilhada de pertencimento, de identidade coletiva e de conexão entre os sujeitos que compartilham experiências semelhantes. Esse sentimento não se refere apenas à convivência física em um espaço comum, mas, principalmente, à construção de vínculos afetivos, de confiança mútua e de solidariedade entre os membros do grupo.

O sentido de comunidade se expressa na interdependência entre os indivíduos, na medida em que cada pessoa se reconhece como parte de um coletivo com o qual pode contar e no qual também exerce um papel ativo. Há, portanto, uma relação de troca e apoio mútuo, que contribui para sensação de segurança, acolhimento e pertencimento. Esse sentido de comunidade é apontado como fator de fortalecimento subjetivo e coletivo, capaz de produzir esperança, resgatar memórias e gerar novas possibilidades de vida. Ele está associado aos projetos de vida e referências simbólicas (Costa & Silva, 2015).

O sentido de comunidade revela-se essencial para abarcar a diversidade no envelhecimento, na medida em que possibilita o compartilhamento de experiências e a construção de vínculos que reduzem o peso das limitações individuais. As intervenções coletivas favorecem a troca entre os participantes, promovendo apoio mútuo, reconhecimento e fortalecimento da identidade social, elementos que se tornam ainda mais relevantes diante de condições como dificuldades cognitivas, que algumas pessoas idosas podem apresentar. Ao participar das atividades coletivas de acordo com suas possibilidades, pessoas com comprometimento cognitivo vivenciam momentos de pertencimento e grupalidade que contribuem para seu bem-estar emocional. Nesses espaços, suas dificuldades são reconhecidas e acolhidas, reforçando a ideia de que a ação comunitária pode ser um recurso inclusivo, capaz de promover participação social.

Somente a partir do sentido de comunidade, das oportunidades de conflitos, consensos e dissensos, e de tempo e engajamento em torno de um projeto artístico comum é que se terá uma atividade sociocultural complexa. No âmbito do projeto de extensão, já foram realizados desfile de moda, peça teatral, ensaios fotográficos, fotonovela, produção de vídeo sobre dança sênior e a organização e realização de dois eventos artísticos no Centro de Artes. Apesar de suas particularidades e características distintas, essas iniciativas têm muito em comum, pois envolvem atributos que os qualificam, da mesma maneira, como “atividades socioculturais complexas”.

Etapa 1: Planejamento participativo das “atividades socioculturais complexas”

Esta etapa constitui a base estratégica do processo, fundamentando-se em princípios de participação ativa, corresponsabilidade e protagonismo das pessoas idosas na construção coletiva do projeto. Inicialmente, contempla o mapeamento dos recursos socioterritoriais disponíveis, identificando equipamentos públicos, organizações da sociedade civil, coletivos, grupos autônomos de pessoas idosas, unidades de saúde que realizem atividades coletivas, centros culturais e centros de convivência, de modo

a reconhecer potenciais parceiros e fortalecer redes locais já existentes. Em seguida, propõe-se a programação conjunta com atividades socioculturais de caráter mais elaborado, que dialoguem com os interesses e as demandas expressas pela comunidade, valorizando saberes, experiências e práticas culturais locais.

Como resultado desse processo, prevê-se a construção participativa, com as pessoas idosas, de uma produção sociocultural a ser gestada e realizada coletivamente, assegurando que cada etapa do processo, da concepção à execução, seja atravessada por metodologias horizontais e dialógicas, potencializando a autonomia, o engajamento e a apropriação do projeto pelos sujeitos envolvidos. Qualquer que seja a atividade cultural proposta (peça teatral, fotonovela, desfile de modas, produções audiovisuais etc.), para se constituir como “atividade sociocultural complexa”, deverá seguir a mesma metodologia, detalhada nos próximos parágrafos.

Uma vez decidida coletivamente a atividade sociocultural a ser realizada, avança-se para os desdobramentos operacionais do projeto coletivo – etapa igualmente atravessada por metodologias participativas. Nesse momento, são pactuadas, em conjunto com as participantes, as responsabilidades por cada fase do processo, como definição dos materiais necessários, identificação de parceiros e apoiadores, elaboração do cronograma de atividades, previsão de confecção de cenários, organização do evento de culminância, bem como definição de estratégias de registro, documentação das etapas e movimentação das redes sociais virtuais. Cada uma dessas decisões constitui, por si só, um potente espaço de inter-relação, exercício de diálogo, negociação de conflitos, fortalecimento do senso de pertencimento e de coesão grupal. Ao envolver os sujeitos nas diferentes dimensões do planejamento e da execução, o processo valoriza saberes diversos, tensiona modos tradicionais de organização e cria oportunidades para o desenvolvimento de práticas realmente colaborativas, autônomas e críticas.

Esse planejamento coletivo constitui oportunidade de, ao longo do percurso, destacar o papel central da pessoa idosa como protagonista do processo criativo, decisório e executório. Longe de ocupar um lugar apenas de beneficiária das ações, as pessoas idosas são reconhecidas como sujeitos de saberes, experiências e desejos, cuja participação ativa e autônoma é condição fundamental para o êxito do projeto. Ao se envolverem nas múltiplas etapas do planejamento da produção cultural, as pessoas idosas ampliam suas possibilidades de expressão, reafirmam suas identidades, ressignificam suas trajetórias e fortalecem seus vínculos com o território e com o coletivo. Essa perspectiva rompe com narrativas reducionistas que associam o envelhecimento à passividade, reposicionando a velhice como tempo potente de criação, participação política e produção cultural situada.

Etapa 2: Registro e documentação dos percursos criativos

O registro das atividades socioculturais complexas, no contexto de práticas emancipatórias em terapia ocupacional, configura-se como dimensão fundamental nesta proposta. Para além de função meramente documental ou técnica, o registro opera como dispositivo ético, estético e político, potencializando as experiências vividas e garantindo que as narrativas, os sentidos produzidos e as marcas do processo coletivo sejam preservadas, revisitadas e, sobretudo, ressignificadas. Ao registrar, não apenas se deixa memória, mas se cria espaço para que as histórias e trajetórias das pessoas idosas sejam reconhecidas em sua complexidade e singularidade.

Esses registros, sejam escritos, fotográficos, audiovisuais ou em outros formatos criativos, tornam-se ferramentas que ampliam as possibilidades de visibilidade das ações e dos sujeitos envolvidos, rompendo com lógicas de silenciamento e apagamento frequentemente impostas às pessoas idosas. Quando realizados de maneira compartilhada e dialógica, os registros produzem uma narrativa polifônica na qual diferentes vozes se entrelaçam, produzindo novos sentidos para o vivido e, muitas vezes, tensionando discursos cristalizados sobre a velhice, que frequentemente associam a pessoa idosa à dependência, à improdutividade, à passividade social e à ausência de potência criativa, bem como sobre os modos de viver essa fase da vida. As diferentes formas de registros, além de evidenciarem as pessoas idosas de forma ativa e em protagonismo, têm potencial de gerar novos produtos culturais. Por exemplo, o registro da realização do teatro foi base para a produção de uma fotonovela; o material fotográfico produzido ao longo dos meses gerou uma exposição fotográfica.

Segundo Dorneles (2011), as atividades artísticas e culturais atuam como dispositivos ético-estéticos que abrem frestas no cotidiano, criando espaços de insurgência, de invenção coletiva e de ampliação dos modos de existência. A referida autora reforça essa compreensão ao afirmar que as experiências culturais são fundamentais para a construção de identidades inventivas e para o fortalecimento das territorialidades, ampliando a compreensão de que essas práticas não apenas ocupam espaços físicos, mas produzem sentidos de pertencimento, memória e resistência. Os registros, nesse campo, acompanham o fazer e participam ativamente da criação desses espaços, possibilitando que as experiências não se esgotem no momento da ação, mas reverberem em outros tempos, territórios e públicos.

Quando situado nesse campo crítico-reflexivo, o registro torna-se prática política, capaz de gerar rupturas nos modos normativos de compreender as ações culturais e os processos de envelhecimento. Essa ruptura ocorre porque os registros tornam visíveis experiências que desafiam expectativas sociais hegemônicas, como a associação entre velhice, incapacidade, desinteresse cultural ou retraimento da vida pública. Ao documentar pessoas idosas criando, performando, planejando e ocupando espaços culturais da cidade, o registro oferece evidências concretas que contradizem tais narrativas e ampliam o imaginário social sobre o envelhecer. É preciso superar a compreensão instrumentalizada das práticas culturais e artísticas, evitando que sejam vistas apenas como meios para alcançar fins terapêuticos convencionais. O registro, nesse contexto, torna-se parte da própria prática de invenção das “atividades socioculturais complexas”, contribuindo para a ampliação de repertórios e para a circulação de narrativas das pessoas idosas.

Além disso, o envolvimento das pessoas idosas nas escolhas sobre o que e como registrar reforça seu lugar de protagonismo e autoria sobre suas próprias histórias e produções. Ao participarem ativamente dessas decisões, seja na curadoria das imagens, na escrita de relatos, na elaboração de legendas ou na condução de entrevistas e vídeos, as pessoas idosas ressignificam o lugar do registro como prática viva, relacional e criadora. Essa participação amplia ainda mais o sentido de pertencimento e a potência coletiva do grupo, fortalecendo as redes de apoio, as articulações territoriais e as possibilidades de continuidade das práticas para além dos projetos atuais.

Reconhecer o registro como etapa processual, ética e criativa da proposta é também afirmar que ele deve ser cuidado em suas dimensões estéticas, políticas e afetivas. Não se trata de produzir documentos frios ou burocráticos, mas de criar vestígios sensíveis que acolham as potências do vivido, convoquem olhares, interpelem o público e, sobretudo, inspirem outras práticas em outros tempos e espaços, contribuindo para fortalecer práticas coletivas emancipatórias e comunitárias.

Etapa 3: Culminância em eventos abertos à comunidade: a transformação

No âmbito do projeto de extensão, as “atividades socioculturais complexas” foram realizadas evidenciando o protagonismo das pessoas idosas como sujeitos ativos e criadores. Entre as ações desenvolvidas destacam-se a produção de um documentário sobre os benefícios da dança no envelhecimento, a realização de um desfile de moda, uma peça teatral, ensaios fotográficos, além de eventos culturais promovidos no Centro de Artes. Em todas essas iniciativas, as pessoas idosas assumiram papel central, participando intensamente de todo o processo criativo, de planejamento, de realização e avaliação, afastando-se da posição passiva de espectadoras e consolidando-se como protagonistas dessas experiências culturais.

Essas atividades, que envolveram um produto final apresentado ao público, constituíram processos potentes de troca e aprendizado mútuo, nos quais foram elaborados coletivamente vídeos, textos e áudios com caráter didático e informativo. Esses materiais, além de registrar as etapas do trabalho, reforçaram os acordos coletivos estabelecidos e estimularam o compromisso entre todas as pessoas envolvidas. No caso específico do desfile de moda, o processo foi precedido por quatro vivências preparatórias, distribuídas ao longo das semanas que antecederam o evento. Essas oficinas abordaram práticas de relaxamento, autocuidado e vestuário, criando um ambiente acolhedor e seguro para que as participantes pudessem experimentar novas formas de expressão. A última oficina concentrou-se na ornamentação do espaço do desfile e do camarim, favorecendo o engajamento integral do grupo em todas as dimensões da atividade. Na culminância do evento, as participantes relataram, durante a avaliação coletiva, sentimentos marcados por expressões como “maravilhosa”, “forte”, “rainha”, “empoderada” e “bem”, indicando impactos positivos na autoestima e no sentimento de pertencimento.

Na experiência teatral e também na fotonovela, as cenas foram elaboradas a partir das narrativas das próprias participantes, que compartilharam situações reais de preconceito e discriminação vivenciadas ao longo de suas trajetórias. Essas histórias, que antes traziam ressentimento por retratarem experiências de racismo ou idadismo, puderam ser ressignificadas coletivamente, pois foram trabalhadas e modificadas ao fazerem parte do roteiro tanto do teatro quanto da fotonovela. Com o apoio da equipe extensionista, as pessoas idosas criaram o roteiro, idealizaram os cenários e produziram os figurinos e adereços, em um processo que se estendeu por vários encontros, marcados por ensaios intensos e pela construção coletiva dos elementos cênicos. A apresentação interna da peça já permitiu observar importantes efeitos no fortalecimento da autoestima e do senso de empoderamento do grupo, ao transformarem suas histórias em arte. O processo teatral também potencializou novas formas de comunicação e expressão, estimulando a exploração do corpo, do rosto, da voz e da linguagem, além de favorecer a revisitação de memórias individuais e coletivas. A esse respeito, embora em contexto de saúde mental, Rizzi Costa et al. (2025, p. 2966) afirmam que “as atividades artísticas promovem espaços experimentais de reprodução da vida, sendo possível reproduzir situações cotidianas, vivências, ideias e sonhos utilizando e combinando diferentes linguagens”.

Ainda, Rizzi Costa et al. (2025) referem que, por meio da arte, é possível explorar diferentes técnicas, materiais, conceitos e sentidos de vida e que, ao integrar essa prática com a terapia ocupacional, evidencia-se o valor de as pessoas partilharem os resultados de suas intervenções com atividades artísticas e culturais.

Os participantes se permitem transparecer ao público, externalizando as suas emoções e experiências de forma criativa e sensível, podendo vivenciar um momento de autoconhecimento e ao mesmo tempo comover os espectadores. (p. 2.965)

Os eventos culturais realizados no contexto do projeto, ainda que apresentassem características específicas e singulares, conservaram atributos comuns que atravessam toda a proposta metodológica: valorização do sentido de comunidade, registro e documentação dos processos vividos e organização de momentos de culminância que potencializam a visibilidade das ações. Os eventos, realizados no Centro de Artes, envolveram programação de dia inteiro, com a realização de oficinas, rodas de conversa e atividades artísticas diversas, tais como artesanato com macramê, exposição de vídeos e fotos, entre outras, nas quais as pessoas idosas não apenas participaram ativamente, como também estiveram na condução das ações, reafirmando seu lugar de autoria e protagonismo. Para os eventos, foram convidados coletivos culturais, projetos de extensão universitária, grupos de convivência e iniciativas de educação em saúde que, em diálogo com estudantes de graduação e pós-graduação, compuseram uma programação sociocultural plural e intergeracional. A experiência com os eventos contribuiu para fortalecer as redes locais, ampliou a articulação entre os coletivos e possibilitou práticas efetivas de construção de parcerias sustentadas no reconhecimento e valorização dos saberes e experiências das pessoas idosas.

Considerações finais

As reflexões desenvolvidas ao longo deste ensaio reafirmam que as “atividades socioculturais complexas” configuram-se como uma metodologia nova e distinta no campo da terapia ocupacional na cultura. Essa metodologia se diferencia das práticas tradicionais por ser processual, participativa e comunitária, envolvendo etapas que incluem planejamento coletivo, registro e documentação dos percursos criativos e culminância em eventos abertos à comunidade. O protagonismo das pessoas idosas atravessa todo o percurso, garantindo sua participação ativa nas decisões e na construção dos produtos culturais (documentário audiovisual, peça teatral, fotonovela, desfile e os dois eventos artísticos organizados). Esses atributos, continuidade, corresponsabilidade, registro compartilhado, vínculo comunitário e dimensão política da participação são fundamentais para que essas práticas alcancem potencial emancipatório e transformador.

As experiências descritas evidenciam que as atividades socioculturais complexas, quando organizadas sob uma perspectiva participativa, territorializada e comprometida com processos de criação coletiva, adquirem caráter inovador. As ações realizadas, como desfiles, peças teatrais, oficinas, rodas de conversa e eventos culturais abertos, quando conduzidas a partir do protagonismo das pessoas idosas, tornam-se dispositivos potentes de afirmação identitária, fortalecimento da autoestima, ressignificação das trajetórias de vida, na medida em que suas experiências são transformadas em arte, e ampliação dos modos de expressão.

É fundamental compreender que essas experiências só alcançam potência quando respeitam a integralidade do processo, o que exige planejamento participativo, organização coletiva, acompanhamento, pactuação de responsabilidades, e momentos de avaliação. O amadurecimento dessas experiências demanda tempo, engajamento, escuta ativa e postura ética de valorização dos saberes populares. Defende-se, portanto, que a efetividade das “atividades socioculturais complexas” reside justamente em sua processualidade.

Referências

- Angeli, A. A. C. (2021). Vagar e ocupar: dez anos de narrativas no TOCCA – saberes e práticas transdisciplinares entre as artes e a saúde. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 25, 1-14.
- BRASIL. (2003). Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003. Estatuto do Idoso. *Diário Oficial da União*, Brasília, seção 1.
- Bianchi, P. C., & Malfitano, A. P. S. (2020). Território e comunidade na terapia ocupacional brasileira: uma revisão conceitual. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 28(2), 621-639.
- Costa, S.L., & Silva, C.R.C. (2015). Afeto, memória, luta, participação e sentidos de comunidade. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 10(2), 283-291.
- Rizzi Costa, A., Dourado Macedo, J., Porto, E., & Silveira Tavares, G. (2025). “Encontro da Arte”: lugar de protagonismo e reinvenção de si: “Encontro da arte”: place of protagonism and reinvention of yourself. *Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional*, 9(1), 2956-2968.
- Dorneles, P. S. (2011). *Identidades inventivas: territorialidades nas redes dos Pontos de Cultura na Região Sul* (Tese de doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Dutra, B. S. G., & Carvalho, C. R. A. (2021). Violência simbólica: estigma e infantilização e suas implicações na participação social das pessoas idosas. *Revista Kairós-Gerontologia*, 24(1), 79-91.
- Farias, M. N., & Lopes, R. E. (2020). Terapia ocupacional social: formulações à luz de referenciais freireanos. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 28(4), 1346-1356.
- Ferreira, M. G. (2016). *Integridade maior: projecto de prevenção da solidão e dependência do idoso em campolide* (Dissertação de mestrado). Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa.
- Lavacca, A. B., & Silva, C. R. (2023). Terapia ocupacional e cultura: dimensões em diálogo. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 31, 1-12.
- Lima, E. M. F. A. (2006). Por uma arte menor: ressonâncias entre arte, clínica e loucura na contemporaneidade. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 10(20), 317-329.
- Silvestrini, M. S. (2019). *Terapia ocupacional e cultura: uma curadoria de tessituras entre práticas, políticas, diversidade e direitos* (Dissertação de mestrado). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.
- Silvestrini, M. S., Silva, C. R., & Prado, A. C. S. A. (2019). Terapia ocupacional e cultura: dimensões ético-políticas e resistências. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 27(4), 929-940.

Disponibilidade de Dados

Os dados que sustentam os resultados deste estudo estão disponíveis com o autor correspondente mediante solicitação.

Fonte de Financiamento

Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ), processo SEI n.º 260003/000579/2023.

Autora para correspondência

Claudia Reinoso Araujo de Carvalho
e-mail: claudiareinoso@medicina.ufrj.br

Editora de seção

Profa. Dra. Marta Carvalho de Almeida